

BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XIX — No. 3

Março de 1978

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Dr. Werner Klein - Cirurgião Dentista - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. - Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Imobiliária "DL" Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XIX

MARÇO DE 1978

Nº. 3

— S U M Á R I O —

	Página
EPISÓDIOS HISTÓRICOS DE BLUMENAU	66
ESTANTE CATARINENSE	70
RIO DO SUL HÁ 61 ANOS	71
MUSEU BOTÂNICO KUHLMANN	73
A FILATELIA EM BLUMENAU	75
O "KOLONIE - ZEITUNG"	77
DR. JOSÉ BONIFÁCIO DA CUNHA E PE. JACOBS	79
HORIZONTALINA CINQUENTENÁRIA	81
O "DIA DA IMPRENSA" DE JOINVILLE	82
FIGURAS DO PASSADO	85
A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM	91
O INSTITUTO CULTURAL BRASIL-ALEMANHA TEM NOVA DIRETORIA	92

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: Honorato Tomelin — Redação: José Gonçalves

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 50,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 61 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Episódios Históricos de Blumenau

— José E. Finardi —

I — APIUNA E SUA SEDE

O Dr. Hermann Blumenau, ao localizar os imigrantes vindos ao seu empreendimento fazia-o nos próprios lotes rurais, medidos às margens dos cursos dos rios e ribeirões de cada uma das linhas coloniais da extensa área da colonização.

De dez em dez quilômetros, reserva dois ou três lotes menores, neles demarcando a sede da futura Povoação, subdividindo-os em pequenos lotes urbanos para localização da Escola, Igreja, Cemitério, casas de comércio, artífices, etc.

Assim ocorreu, partindo de Indaial (Carijós), depois Timbó, Rio dos Cedros, Doze (lote nº. 12, do Caminho de Rodeio, Ascurra e por último Aquidaban, atual distrito de Apiuna.

Sabendo-se que de há muito tempo, a população do Distrito de Apiuna vem pleiteando sua emancipação como município autônomo, muito oportuno se torna rememorar-se que já em 1882 o dr. Blumenau havia planejado sua sede, reservando o lote nº. 200, com 289.962 ms2, inicialmente requerido pelo Engº. Emilio Odebrecht, demarcando-o em lotes conforme respectiva planta.

Nesse mesmo ano, a 12 de março, já decretada a emancipação de Blumenau, com sua elevação a município criado em 4 de fevereiro de 1880, aguardava-se sua instalação que somente se deu a 10 de janeiro

CAPA — “Blumenau em Cadernos” apresenta nesta edição de nr. 3, na capa, a fotografia de uma das primeiras bandas de música de Blumenau. A foto foi tirada em 1890, segundo os registros constantes no catálogo do Museu da Família Colonial, no qual acha-se registrada sob o nr. 607.

Trata-se da mais famosa e, por isso mesmo, requisitada banda de música da época, sendo os seus integrantes, da esquerda para a direita, obedecendo a ordem de fila da seguinte forma: Fila do fundo: Oswaldo Werner, Ernst Kaestner, Eugênio Krepski, Oto Kaestner, Augusto Werner (o mestre), Gustavo Werner, Oto Werner, Hermann Baumgarten, e Augusto Werner Junior. Fila de frente: Richard Schneider, Ernst Haupt, Erminio Moser, Hermann Schneider e Wilhelm Schneider. A fotografia foi tirada no jubileu da Sociedade de Atiradores, em frente à sede antiga dessa sociedade (atual Tabajara Tennis Clube). Todos os integrantes da banda são falecidos, havendo, no entanto, numerosos descendentes diretos dos mesmos hoje residentes na região do Vale do Itajaí além de Blumenau.

de 1883, quando então, eleita a primeira Câmara Municipal, a ela o Dr. Blumenau se dirigiu, remetendo ao presidente eleito Vereador José Henrique Flores Filho, o memorandum que a seguir transcrevemos, cujo original consta do arquivo público de Blumenau:

" PARA A CAMARA MUNICIPAL DE BLUMENAU

NOTICIA IMPORTANTE

Sobre o arruamento da Povoação de Aquidaban

No arruamento d'esta futura povoação está e fica incluído o lote de terras N.º. 200 do Districto da margem direita de Itajahy com cem braças de frente, tal qual se acha configurado no competente mappa e averbado no Livro de Tombos I, fls. 157. Este lote primeiro vendido em 1869 ao Snr. Emilio Odebrecht, depois, como cahido em comisso e abandonado, em 1875, a Luiz Beau, que o abandonou, e enfim de novo ao Snr. Odebrecht, sobre requerimento d'elle e respectiva ordem da Presidencia, havia ficado incluído, depois do abandono por Luiz Beau, no arruamento da parte de Aquidaban, sita na margem direita do ribeirão do Neisse e este arruamento, tal qual se acha desenhado n'este documento e foi marcado, com marcos de pedra, pelo agrimensor Snr. Julio Cesar dos Reis Pereira Cardoso no anno de 1889, subsiste de direito e deverá ser respeitado pelo interessado para todo o futuro de conformidade com as notas e a declaração seguinte, assentadas no Livro dos Tombos I, fls. 157 a 158 com a data de 10 de Fevereiro de 1880 e por mim assignadas:

LOTE N.º. 200 — Frente metros 217,2; linhas lateraes jussante ms 1349, idem montante ms 1321; area total ms quadrados 289.962; area da praça e das ruas reservadas m² 54.416; area restante e liquida para pagar ao Estado 235.546 a 160 rs pela area — Rs. 376\$880.

OBSERVAÇÃO — Insisti na conservação d'este arruamento e do direito do Estado ou do Povo sobre o mesmo especialmente, porque o terreno do lote n.º. 200 é alto e completamente isento das inundações, offerecendo portanto todas as condições para numerosas e seguras habitações, porque na margem direita do Neisse, sendo relativamente limitado o terreno originario, não foi praticavel, reserva-se uma praça publica alias necessaria e conveniente para o futuro, ainda que remoto, as habitações urbanas provavelmente se hão de construir ainda sobre o lote n.º. 200".

II — A PONTE SOBRE O NEISSE EM APIUNA

Em 1882, quando da construção da ponte de madeira sobre o ribeirão do Neisse, na sede de Apiuna, ex-Aquidaban, substituída pela atual de concreto armado na BR-470, ocorreu um episódio inusitado,

que revoltou sobremodo a população católica local, composta de cem famílias. É que ultimados os trabalhos de sua construção, sobrou apreciável quantidade de madeiras, que Pe. José Maria Jacobs obteve do Chefe da Comissão de Engenharia, para ser aproveitada na construção de nova Capela, visto que a provisória existente, erigida pelos pioneiros, era de pau a pique, benta em 7 de fevereiro de 1882 e dedicada a Santa Ana.

Ao ter conhecimento dessa cessão, a primeira Câmara Municipal de Blumenau, então recentemente empossada (10-1-83), composta em sua totalidade por vereadores contrários a Pe. Jacobs, apressou-se em mandar o Fiscal da Prefeitura, retirar as aludidas sobras.

Este fato revoltou a população católica de Aquidaban, empenhada que estava na construção da dita Capela, cujas obras tiveram por isso que ser interrompidas, não tomando o caso maiores consequências devido á intervenção do próprio Pe. Jacobs que prometera resolver o impasse junto ás autoridades superiores.

De fato, Pe. Jacobs dirigiu-se ao doador, Engenheiro Joaquim Rodrigues Antunes, Diretor das Colônias Conde d'Eu e D. Isabel no Rio Grande do Sul, comunicando-lhe o fato e este então encaminhou a reclamação à Inspeção Geral das Terras e Colonização, no Rio de Janeiro, cuja resposta dito Diretor transmitiu a Pe. Jacobs em officio de 31 de outubro de 1883, recomendando-lhe que se dirigisse diretamente á citada Inspeção, o que Pe Jacobs fez em data de 14 de novembro do dito ano.

Os documentos que a seguir transcrevemos, constantes de nosso arquivo, pormenorizam o lamentável episódio, um dos muitos ocorridos envolvendo o altivo mas dedicado primeiro vigário de Blumenau.

"INSPETORIA GERAL DAS TERRAS E COLONIZAÇÃO. 1ª. Secção.

Nº. 259. Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1893. Accuso recebido o seu officio de 25 de Agosto findo, participando que o Vigario da ex-Colônia Blumenau lhe comunicara ter a Camara Municipal, alli instalada, se apossado das sobras de madeiras da ponte construida sobre o ribeirão do Neisse, na povoação de Aquidaban, as quaes foram pela comissão a seu cargo destinadas á uma igreja cuja construção havia aquelle Padre apprehendido, e pedindo providencias para evitar a usurpação da dita Camara, em prejuizo dos habitantes da parte mais nova da ex-colônia.

Em resposta tenho a declarar-lhe que deve o referido Vigario dirigir-se a esta Inspeção, expondo o facto alludido, com todos os detalhes, afim de que ella possa providenciar como for conveniente, dando-lhe V. Sª. conhecimento desta resolução. Deus Guarde a V. Sª. (as) Manoel Maria de Carvalho, Inspetor interino. Ao Snr. Engenheiro Joaquim Rodrigues Antunes — Diretor das Colônia Conde d'Eu e D. Izabel, no Rio Grande do Sul".

"DIRECTORIA DAS COLONIAS CONDE D'EU E D. IZABEL —

31 de outubro de 1893. Illmo e Revdmo. Snr. Tendo representado á Inspectoria Geral das Terras e Colonização acerca das sobras de madeira na ponte do Neisse destinadas por esta comissão a uma igreja, e apossadas pela Camara Municipal d'essa localidade, transmitto por copia a resposta obtida, para que V. Rvdma. se dirija directamente áquella Repartição. Deos Guarde V. Rvdma. — Illmo. e Revdmo. Snr. Padre José Maria Jacobs — Mui digno Vigario de Blumenau. O Engenheiro em comissão (as) Joaquim R. Antunes Jr.'

"VIGARIATO DE S. PAULO DE BLUMENAU — 14 de Novembro de 1883.

Illmo. e Exmo. Snr. Dr. Manoel Maria de Carvalho, Inspector Geral das Terras e Colonização. Em conformidade com a sua ordem, cuja copia vai ahi junta, cumpre-me declarar que autorizado pelo Snr. Chefe da Comissão de Engenheiros, já comencei a construir, das sobras de madeiras da ponte construída sobre o ribeirão do Neisse, uma Igreja na parte mais nova desta Ex-Colônia, a uma distancia de 53 kilometros da Matriz, em favor d'uma povoação de 100 familias catholicas, todas muito pobres e na maior parte naturaes deste Imperio. Pouco depois da installação da Camara deste Municipio os Snrs. Vereadores mandarão o Fiscal para perguntar-me officialmente, se ou não eu tinha autorização de dispor da referida madeira para o dito fim. Tendo recebido a minha resposta em conformidade com os factos, a Camara logo mandou remover e appossou-se da respectiva madeira e assim impossibilitou a continuação da construção da Igreja de Aquidaban, cuja parte já acabada não presta para o serviço divino, tão anhelado; usurpação esta que causou e ainda causa grande descontamento e desgosto na povoação prejudicada. Só por minha representação da necessidade de obedecer entretanto ás ordens da Camara e minha promessa de ouso humilde e respeitosa mente pedir a Va. Exa. digne-se providenciar, invogar as autoridades superiores, deixarão de fazer barulho. Portanto como for conveniente e de justiça. Deus Guarde a V^ª. Ex^ª. (as) P. José Maria Jacobs, Vigario."

III — A PONTE DE ENCANO

A ponte sobre o Ribeirão Encano, no Município de Indaial, feita de madeira e coberta com folhas de zinco, actualmente substituída por outra de concreto armado, se constituia na época de sua construção, como uma das mais importantes obras do Governo Provincial de Santa Catarina, então presidido pelo Dr. João Rodrigues Chaves.

A sua inauguração se deu a 26 de fevereiro de 1882, tendo-lhe sido dado o nome de 'ALFREDO CHAVES', em homenagem ao Dr. Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, Inspector Geral de Terras e Colonização, com sede no Rio de Janeiro e que se constituia na mais alta autoridade imperial com jurisdição na Província catarinense.

Ao ato inaugural além do homenageado e outras pessoas gradas,

compareceu o próprio Dr. Blumenau, ainda na direção da ex-Colônia e que por motivo da catastrófica enchente de 1880, não poudo ser inaugurado o Município, criado a 4 de fevereiro desse ano.

A benção inaugural foi dada pelo Vigário da Província Pe. José Maria Jacobs, especialmente convidado pelo Engenheiro Chefe da Comissão Antunes, dr. Joaquim Rodrigues Antunes Jr. mediante officio datado do dia anterior e que dado o seu valor histórico, transcrevemos na integra:

Blumenau, 25 de Fevereiro de 1882.

Illm^o. e Revdm^o. Snr. Vigario de Blumenau.

Tendo amanhã de ser inaugurada uma das obras mais importantes d'esta Colonia — a ponte ALFREDO CHAVES — sobre o Ribeirão do Encano, tenho a honra de convidar a V. Revma. para assistir a inauguração da dita obra assim como e principalmente para sobre ella lançar a Santa Benção. Esperando de V. Revma. a acceitação d'este convite, cabe-me prevenir que a nossa partida de aqui terá lugar amanhã ás 6 horas da manhã.

Deos Guarde V. Revma O Engenheiro em Comissão, (as) Joaquim R. Antunes Jr. Ao Illmo. Snr. Padre José Maria Jacobs'.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

DICO (O SERTANEJO HERÓI), de José Gonçalves (a publicar)

Por uma deferência especial do Autor, recebemos os originaes deste livro, cuja publicação deverá ser concretizada ainda este ano, pela Editora Lunardelli de Florianópolis.

Trata-se do segundo livro de José Gonçalves. No seu primeiro trabalho, "E Ele sobreviveu", Gonçalves abordou a participação de um soldado alemão nos conflitos da segunda guerra mundial. Agora, ele incursiona mais uma vez no mesmo ambiente da segunda guerra, só que desta feita o ângulo apresentado é o brasileiro, com os "pracinhas" partindo do Brasil para levar avante a nossa bandeira através dos campos de batalha na Itália. Antes, porém, somos envolvidos, num linguagem simples e isenta de palavras difíceis, na história de Dico, um jovem nascido e criado no sertão do Ilse (interior do atual município de Indaial), acompanhando a vida deste jovem no seu contato diário com a natureza, no amanho da terra, no trato com os animais. Uma vida pura, ao ar livre. O retrato de uma fazenda interiorana é narrado com toques de extrema realidade pois o Autor viveu aquele ambiente. E

mais: o "Dico", herói e personagem do livro, segundo narra o Autor, era seu primo. Portanto, a história foi real, vivida e testemunhada por Gonçalves. Porém, como compete a todo narrador que escreve para as massas, haveria que se destacar no trabalho um pouco de ficção. E é o que acontece. O Autor não me disse, mas soube por terceiros, que Dico é personagem real, calcado na vida de seu primo. Mas a segunda personagem Ana Maria, por quem Dico se apaixona e é correspondido, parece ter sido criação do Autor.

Todavia, o leitor fica tão enredado na história, que acaba aceitando Ana Maria como algo real. Tanto assim que o leitor, se avisado deste pormenor depois de ter lido a obra, pode não aceitá-lo.

Por retratar a situação geral do interior da colônia catarinense (e alertamos que a vida no interior — seja na década de 40, retratada pelo autor, seja na época atual, não mudou praticamente nada), abordando, ainda, a participação dos pracinhas na campanha da FEB na Itália, o livro deverá ter a aceitação popular.

E José Gonçalves, com este segundo trabalho, revela sua firme disposição de manter uma produção continuada na literatura catarinense, alinhando-se com poucos escritores do Estado.

Rio do Sul há 61 anos

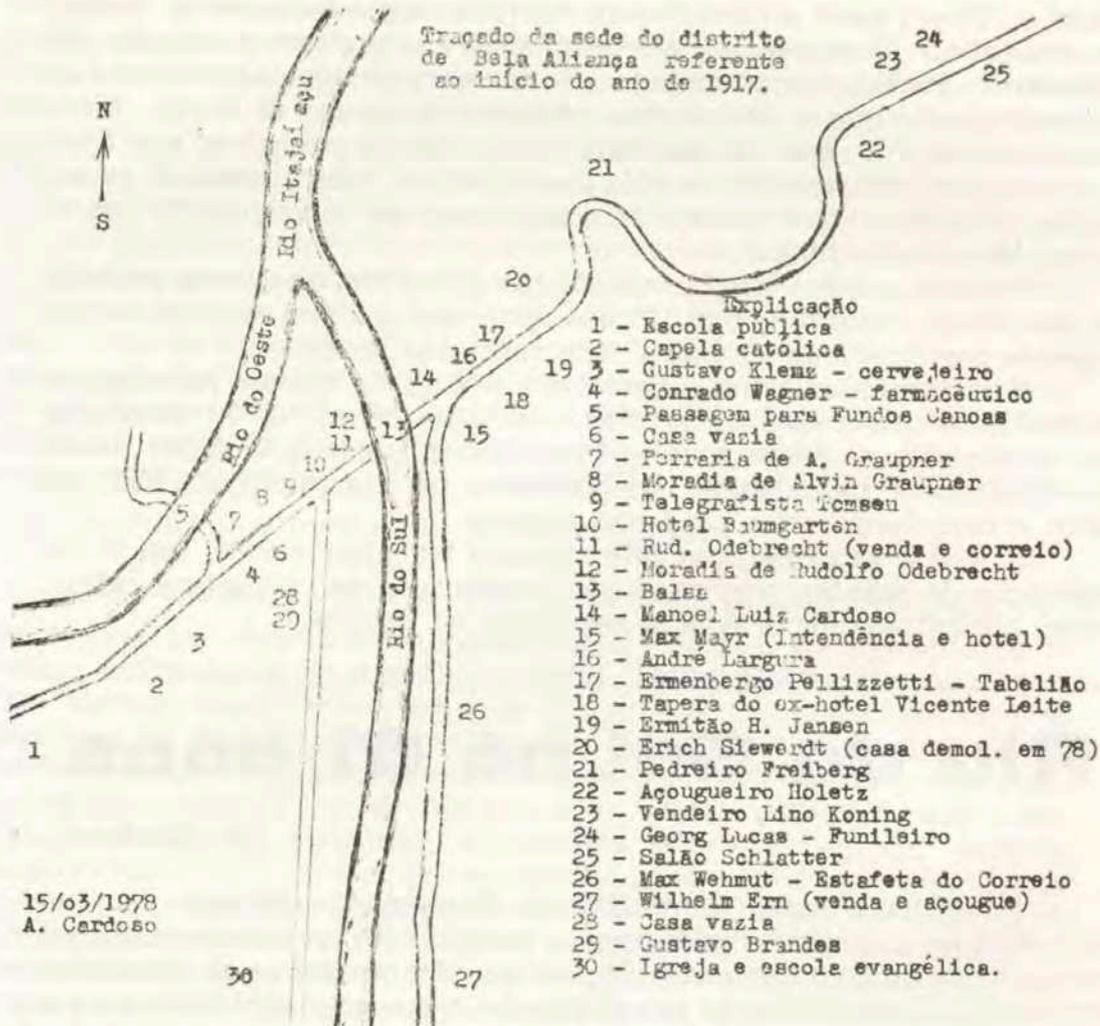
A. Cardoso

Quem leu o livro "Centenário de Blumenau" sabe que os homens de proa da colônia de Blumenau sempre providenciavam material escrito, fotográfico e mesmo pictórico que documentava as alterações dessa região desde o ano de sua fundação, o que não aconteceu com a hodierna Capital do Alto Vale.

Assim acredito que qualquer contribuição no tocante à história e geografia de nossa urbe poderia servir aos que se interessem pela evolução de Rio do Sul que ora aniversaria.

Conforme ilustração (anexa), uns cinco anos depois de a povoação de Braço do Sul (Suedarm) ter sido elevada a distrito do município de Blumenau com o nome de Bella Aliança, moravam vinte famílias na parte ainda hoje considerada como centro da cidade. Isto se deu uns 14 anos antes do já muito conhecido ato da instalação do município de Rio do Sul em 1931.

Podemos observar que a estrada entre a escola pública e a moradia Siewerd — hoje avenida, praças, ruas e a ponte "Curt Hering", onde de 1892 até 1930 havia balsa — não foi desviada, porém, o nível ficou bastante alterado. Depois de contornar a lomba então ali existente, a estrada orlada por mata virgem, continuava pelo leito da atual Rua dos Pioneiros, desviando assim o pantanal que lá existia. A selva ficava



quase por toda a parte nas proximidades das moradias. Lembro que no dia sete de setembro de 1922 — Centenário da Independência — foi lançada a pedra fundamental do Hospital Cruzeiro, porém, para que isso acontecesse, foi preciso derrubar primeiro a mata virgem.

Do açougue Holetz até a entrada para a atual ponte Mário Andreazza, já existia uma via reta carroçável. Também já estava entregue ao trânsito a rua Rui Barbosa, que recebeu todavia, outras denominações no decorrer dos anos.

A passagem muito primitiva para Fundos Canoas localizava-se no terreno hoje pertencente à igreja "Assembléia de Deus".

Por motivo de manutenção a atual Rua Quinze de Novembro mantinha-se o quanto possível junto à ribanceira do Itajaí do Sul.

Outras vias públicas não havia há 60 anos na sede de Bela Ali-

ança. Convém lembrar, porém, que o transporte com canoas era intenso, principalmente de Riachuelo para a sede do distrito e daqui para Taió.

A escola pública funcionava numa casa de madeira na altura dos trilhos da atual extinta ferrovia, nos fundos da oficina Ristov e, em 1917, lá recebíamos aulas do professor Germano Ernst. Foi a instituição que deu origem à Escola Básica "Paulo Zimmermann".

Onde agora existe o pátio de estacionamento do supermercado Theiss, ficava a capela católica, onde de longe em longe um padre de Rodeio ou Aseurra atendia aos fiéis. Lá já se queimava a cada ano a enorme fogueira de São João.

Por volta de 1919 a escola pública já funcionava na casa perto da farmácia, com o professor Jorge Schuetz, muito conhecido por sua retidão e rigor.

É possível que em 25 ou 50 anos muitos se iriam interessar por uma ilustração da atual Rio do Sul e principalmente se nela se pudessem observar mais interesse referente à conservação de casas e lugares que possuem algo de valor histórico. Turistas já perguntaram: Rio do Sul tem somente um jardim público? Onde morava o fundador de Rio do Sul? Onde ficava a Intendência? A primeira casa comercial? Idem igreja e escola?

Vários descendentes de famílias que em 1916 aqui moravam, ainda se encontram na Capital do Alto Vale. No tocante às casas a situação é diferente, pois, referente à parte ilustrada, somente duas ainda existem: A nº. 79 da Avenida Rio Branco — já com a fachada alterada — que, vazia em 1916, servia mais tarde e por vários anos, como escola pública. A segunda, nº. 201 da mesma avenida, que sofreu menos alterações, era a moradia de Gustavo Klemz, funcionando também ali a sua cervejaria, que atendeu a este imenso distrito que se estendia da chapada da Subida até o Morro Funil da Serra Geral.

Museu Botânico Kuhlmann

Julgo ser honroso para a conceituada revista histórica BLUMENAU EM CADERNOS registrar em suas páginas uma homenagem de grande significação a um dos mais ilustres filhos de Blumenau, ao cientista botânico JOÃO GERALDO KUHLMANN, ex-diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Transcrevo a notícia da inauguração da reforma do prédio do MUSEU BOTANICO KUHLMANN publicada no vespertino O GLOBO de 24.03.1972 o texto gravado do bronze comemorativo da recente restauração do Museu, o discurso pronunciado pelo Dr. Luiz Edmundo Paes por ocasião da inauguração do Museu, em 27.01.1967. Neste discurso do culto ex-diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que foi

o mentor da criação do Museu em homenagem ao Dr. Kuhlmann, como também nos outros tópicos a serem publicados pela conceituada revista são lembradas as passagens mais marcantes da vida e atividades que lembrem a benemerência do ilustre homenageado "glória de Santa Catarina, de Blumenau, glória do Brasil e glória da ciência" como afirma o já citado orador.

TEXTO DO BRONZE COMEMORATIVO: "Museu Botânico Kuhlmann. Construído em 1800. Restaurado em 1972. Este prédio era conhecido como 'Casa dos Pilões' fazendo parte da antiga Real Fábrica de Pólvora. Posteriormente foi residência de João Geraldo Kuhlmann, natural de S. Catarina, diretor do Jardim Botânico, que aqui faleceu em 23.03.1958. Pelo decreto nº. 49.577, de 22.12.1960 foi transformado em Museu Botânico Kuhlmann para ambientação em botânica dos estudantes do ciclo médio e divulgação da vida e obra do grande Naturalista Brasileiro".

DECRETO Nº. 49.577 — DE 22 DE DEZEMBRO DE 1960 — CRIA O MUSEU BOTÂNICO KUHLMANN

O Presidente da República usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, nº. I, da Constituição e

Considerando que o Naturalista João Geraldo Kuhlmann deu preciosa contribuição para o melhor conhecimento da Flora Brasileira através de inúmeros trabalhos que realizou e publicou;

Considerando que o seu nome atravessou as nossas fronteiras, sendo conhecido nos meios científicos do mundo como uma das maiores autoridades em Botânica Sistemática;

Considerando que representou o Brasil, na qualidade de Presidente de Honra nos Congressos Internacionais de Botânica em Stokolmo e em Paris, onde muito elevou o nome de nosso País;

Considerando que o referido Naturalista percorreu as florestas do Amazonas, Pará, Mato Grosso e Goiás, como botânico da famosa Comissão Rondon, tendo coletado muitas espécies novas, gêneros e até famílias;

Considerando haver sido Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde muito contribuiu para aumentar o prestígio científico daquela secular instituição.

Decreta:

Art. 1º. — Transformar em "Museu Botânico Kuhlmann" a casa chamada dos Pilões, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, dependência do Ministério da Agricultura, onde JOÃO GERALDO KUHLMANN passou os últimos anos de sua vida.

Art. 2º. — O referido Museu além de suas finalidades próprias terá como objetivo principal o culto da memória, divulgação da vida e obra daquele grande Naturalista Brasileiro.

Art. 3º. — Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 22 de Dezembro de 1960 — 139º. da Independência e

72º. da República — (a) Juscelino Kubitschek (a) Antônio Barros de Carvalho.

MUSEU GANHA ESTUFA E DOIS LABORATÓRIOS — O Museu Kuhlmann — Jardim Botânico — construído em 1800 por Dom João VI e conhecido popularmente como casa dos Pilões, foi ontem reaberto ao público, 14 anos depois da morte do Botânico e ex-diretor do Jardim que lhe deu o nome, João Geraldo Kuhlmann. O museu esteve fechado quatro meses e meio para restauração e ganhou dois laboratórios de Botânica e uma estufa no cômodo em que funcionava a lavanderia da família Kuhlmann. A sala onde está o acervo do ex-diretor, a sala de estudos e mostruários também foram restaurados.

As 11 horas o Museu recebeu as primeiras visitas, entre as quais a da filha do ex-diretor, Zilda Kuhlmann Pereira, de Lúcio Costa e Burle Marx.

A reabertura do Museu foi comemorada com uma reunião do Conselho de Administração do Jardim Botânico, durante a qual o diretor do Jardim, padre Raulino Reitz expôs o plano de Reformas e Novos Projetos que inclui a reforma de prédios, portões e estufas e a ampliação da área ecológica, entre muitas obras.

Terminada a reunião, o Presidente do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal João Mauricio de Melo Nabuco o Diretor do Jardim e a filha de João Geraldo Kuhlmann, que em 1941 morou lá com o pai, visitaram o museu. Mais tarde, apareceram Burle Marx e Lúcio Costa.

A administradora do Museu, bióloga Odete Travassos, que desde 1969 contribui "com esforço e amor" para seu bom funcionamento, afirmou que agora existem melhores condições para estudantes e estagiários que procuram a Casa dos Pilões construída como parte da Fábrica de Pólvora da Coroa.

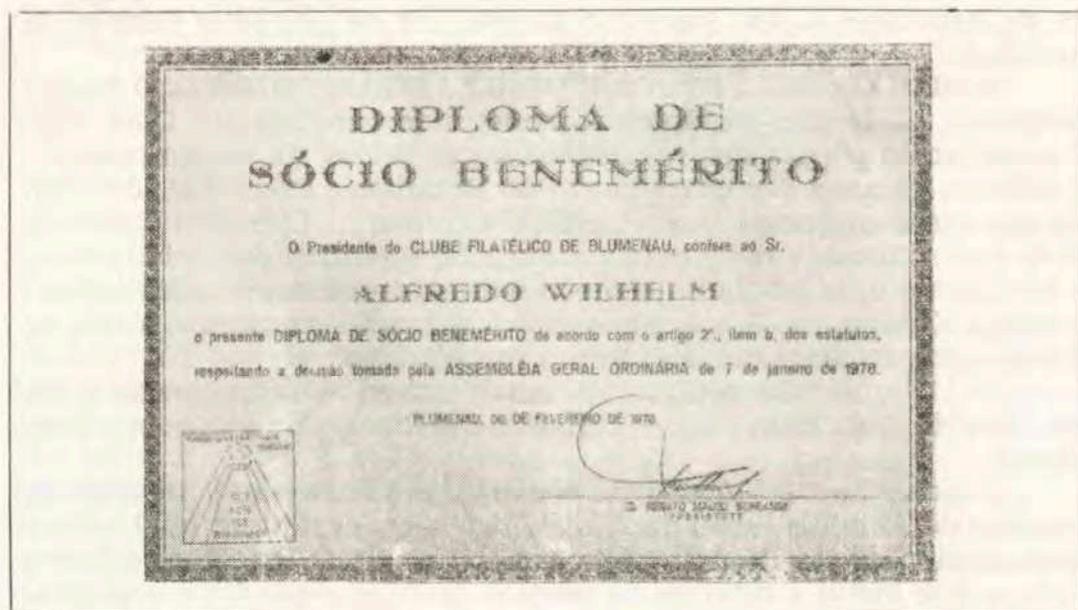
Desde 1968, o museu orienta estagiários e estudantes de História Natural. No ano passado êle atendeu a dois mil estudantes do Rio e Estado do Rio e forneceu material para pesquisas e trabalhos sobre Botânica.

A Filatelia em Blumenau

Renato Mauro Schramm

O Clube Filatélico de Blumenau comemorou dia 06 de fevereiro os seus 40 anos de existência, tendo por local a Galeria Municipal de Artes, a qual estava ótimamente preparada para a ocasião.

As 18,30 horas foram abertos os trabalhos falando na oportunidade o Presidente da entidade Renato Mauro Schramm, o Prefeito Municipal de Blumenau Dr. Renato de Mello Vianna o Diretor Regional da ECT, em Exercício Cél. Guido Heschler e o Representante do Clube



Filatélico do Brasil e da Federação Brasileira de Filatelia Sr. Sérvulo Nunes.

Além de toda a diretoria do clube estiveram presentes mais de 60 convidados entre os quais destacamos o Consul da República Federal da Alemanha Dr. Hans Prayon e o Presidente da Associação Comercial e Industrial de Blumenau Dr. Mário John.

Foi concedido o título de sócio benemérito (foto) ao Filatelista Alfredo Wilhelm pelos relevantes serviços que vem prestando, divulgando a boa imagem do selo brasileiro, no Exterior.

O Sócio Fundador e Benemérito Adolfo Sutter obliterou a primeira peça filatélica com o carimbo oficial da ECT, em comemoração ao evento.

A seguir foi inaugurada uma mostra filatélica, bem como posta em circulação o nº. 22 da Revista "Noticiário do Clube Filatélico de Blumenau".

Já no dia 15 de fevereiro estivemos com o Embaixador da República Democrática Alemã, por ocasião de sua estada em nossa cidade, Senhor Gunther Severim e seu Secretário, no "Café Haus" do Hotel Glória, oportunidade em que foram tratados diversos assuntos de interesse da entidade. Ainda presente o Sócio Benemérito do CF de Blumenau Sr. Alfredo Wilhelm.

D'a 21 de abril estaremos em Brasília na abertura da IIIa. Exposição Filatélica Nacional — BRAPEX III, ocasião em que faremos uma visita àquela Embaixada, à convite do Sr. Gunther Severin.

O próximo passo será a nossa presença em Joinville dia 05 de março, por ocasião do 44º Encontro Estadual de Filatelistas e Numismatas, o qual faz parte integrante das festividades alusivas ao aniversário daquela cidade amiga.

O "Kolonie - Zeitung"

Elly Herkenhoff

A história da imprensa em língua alemã no Brasil teve início a 2 de agosto de 1852 quando, em Porto Alegre, se lançava um modesto jornalzinho denominado "Der Kolonist" (O Colono), que subsistiu durante um ano, até 30 de julho de 1853.

O segundo jornal redigido em língua alemã no Brasil — e em toda a América do Sul — apareceu a 2 de novembro de 1852, apenas três meses após o "Der Kolonist", e foi em Joinville, foi na então colônia Dona Francisca, fundada pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo, que se editou esse segundo jornalzinho, todo "sui generis", uma vez que por falta de prensa, era manuscrito, em letra alemã, ostentando o título "Der Beobachter am Mathias-Strom" (O Observador às Margens do Rio Mathias) — título bastante sugestivo, mas que nada teria de extravagante, não fosse um detalhe particular, prova do humorismo de seu editor. É que o nosso ribeirão Mathias — assim chamado em homenagem ao senador Christian Mathias Schroeder, presidente da Sociedade Colonizadora, — na realidade nunca poderia ter merecido o nome de "Strom". Em alemão, um "Strom" designa um rio extenso, caudaloso, como o Amazonas por exemplo ou o Tocantins ou o Paraná. Qualquer rio mais modesto — o Cachoeira, o Itajaí, o Tietê — tem o nome de "Fluss", enquanto um riacho ou ribeirão, como o nosso Mathias, não passa de um "Bach", em alemão.

No entanto, a edição de um jornal, por mais desprezioso que fosse, e apesar de simplesmente manuscrito, neste nosso pequenino "Schroedersort" (Vilarejo de Schroeder), com os seus 680 habitantes, apenas 20 meses após a chegada da primeira leva de imigrantes da Europa, é fato inaudito e tão impressionante, que nem mesmo a extravagância do título deverá nos surpreender. Não se sabe até quando o "Beobachter" existiu, mas é certo que o seu editor, o imigrante alemão Carl Constantin Knueppel, que aqui também exercia as funções de escrivão, após 9 anos de labuta em Dona Francisca, se transferiu, primeiramente para a capital de São Paulo e mais tarde para Botucatu, onde foi professor durante muito tempo.

Interessante é que alguns autores situam a época de fundação do "Beobachter" no ano de 1853 ou então "por volta de 1853" — posicionando-o, cronologicamente, em quarto lugar na relação dos jornais redigidos em alemão, no Brasil, quando ele, efetivamente, aqui nasceu a 2 de novembro de 1852. O engano facilmente se explica. É que não existe mais no Brasil, ao que se saiba, nenhum exemplar do tão curioso jornal e o único exemplar ainda existente há cerca de 35 anos, no "Zeitungsmuseum" de Aachen, Alemanha, extraviou-se durante a II Guerra Mundial. Existe, porém, uma reprodução da primeira página do

primeiro número lançado, em cujo cabeçalho, nitidamente traçado, se lê "Dona Francisca, den 2. November 1852" — prova sem dúvida convincente de que o jornalzinho — muito nosso, muito joinvillense — está cronologicamente em segundo lugar na relação... e isto pela exigua diferença de três meses apenas...

O terceiro jornal foi o "Der Deutsche Einwanderer" (O Imigrante Alemão) que saiu a lume no dia 17 de março de 1853 no Rio de Janeiro e, após ser transferido para Porto Alegre, ali se manteve até 1861.

Cabe o quarto lugar ao "Der Deutsche Beobachter" (O observador Alemão), lançado igualmente no Rio de Janeiro, um mês depois do "Der Deutsche Einwanderer", a 16 de abril, e desaparecido a 17 de julho, após efêmera existência de três meses.

Quase 5 anos mais tarde, em janeiro de 1858, surgiu o "Brasilia" em Petrópolis, circulando até 1863.

E com estes 5 empreendimentos, todos eles efetivados com muitíssimo idealismo e pouquíssimos recursos, encerra-se a primeira fase — o primeiro decênio praticamente — da imprensa redigida em alemão, no Brasil.

No início da década de sessenta, porém, novas perspectivas se projetam, novos rumos se delineiam com o lançamento de dois dos mais importantes jornais — um no Rio Grande do Sul, outro em Santa Catarina. E a partir daquela década o jornal redigido em alemão deixa de ser um órgão meramente local, defensor de interesses puramente regionais. À proporção que vai multiplicando a sua própria capacidade, ele vai, a pouco e pouco, ampliando a sua influência nos centros urbanos das províncias do Sul, vai alcançando, ao longo dos decênios, todas as áreas de colonização alemã, cumprindo, até na mais longínqua roça arraigada em nossa hinterlândia, a missão de difundir e cultura e entretenimento, notícias e ensinamentos, a missão de transmitir mensagem de esperanças aos desesperados, mensagem amiga na língua familiar, a milhares, a milhões de imigrantes e filhos e netos de imigrantes, não só de alemães, austríacos e suíços, mas ainda de imigrantes das mais diversas nacionalidades conhecedores do idioma alemão, como holandeses, húngaros, romenos, poloneses, russos, bálticos, gente oriunda de todos os recantos da Europa — principalmente da Europa — gente de todos os credos, de todas as classes, de todas as profissões.

Muitos são os periódicos em língua alemã, lançados até o ano de 1941, quando, em consequência de um decreto do Governo Getúlio Vargas, de 1938, os jornais redigidos em língua estrangeira deixaram de existir, no País. Entre os jornais redigidos em língua estrangeira, então existentes, contava-se o "Kolonie-Zeitung", de Joinville.

O retrospecto acima — ainda que aparentemente inoportuno ou desnecessário talvez — é essencial para a avaliação de um dos fatos de maior relevância dos primeiros decênios de nossa história: a fundação, a 20 de dezembro de 1862, do primeiro jornal impresso de Join-

ville — o "Kolonie-Zeitung" o Jornal da Colônia, que seria, durante oito decênios, um dos mais representativos periódicos em língua alemã, no País, o jornal que acompanharia, passo a passo, o vem-e-vai das gerações, gravando fielmente em páginas hoje amarelcidas, toda uma história de lutas, de fracassos, de vitórias, de risos, de lágrimas, toda uma história de oitenta, longos anos. . . (Continua)

Dr. José Bonifácio da Cunha e Pe. Jacobs

— José E. Finardi —

As Câmaras Municipais de Santa Catarina, em data de 7 de janeiro de 1891, foram dissolvidas pelo Eng^o. Dr. Lauro Müller, nomeado Governador interino logo após a proclamação da República.

Em sua substituição foram criadas Intendências Municipais, recaindo na pessoa do médico Dr. José Bonifácio da Cunha, a nomeação para ocupar a de Blumenau.

Fora assim distinguido pelo novo Governo, não só por se tratar de figura de grande prestígio, dados os seus dotes de bondade e de médico humanitário como também por ter sido um dos mais ardorosos propagandistas dos ideais republicanos em Blumenau.

Com a queda da Monarquia e a conseqüente separação da Igreja do Estado, o Clero católico ficou privado de diversas regalias, com o que Pe. José Maria Jacobs, vigário da Paróquia, não se conformou, passando a combater com toda a veemência os candidatos republicanos indicados para a eleições a ferir-se em 8 de março do ano seguinte, com a finalidade de ser eleita a Assembléia Constituinte Estadual, para a elaboração da nova Constituição do Estado, afinal promulgada a 11 de junho.

Entre estes candidatos, figurava o Intendente Dr. José Bonifácio da Cunha, nascendo daí grande animosidade contra o Pe. Jacobs, não perdendo os republicanos oportunidade visando silenciá-lo.

Além de Intendente, o Dr. Cunha, como era conhecido, acumulava o cargo de "Delegado Literário", com as atribuições de inspecionar as escolas subvencionadas pelo Governo do Estado — motivo por que apressou-se em denunciar Pe. Jacobs pelo fato de ter o Colégio São Paulo, atual Colégio Santo Antonio, funcionado no dia 21 de abril dedicado ao Precursor de nossa Independência repetindo a irregularidade no dia 14 de julho — data da Tomada da Bastilha.

Pelos termos da denúncia, que a seguir transcrevemos e constante de nosso arquivo, pode-se aquilatar a que ponto Pe. Jacobs deveria ter provocado o Dr. Cunha para este, conhecido por sua tolerância e serenidade, revidar de forma tão agressiva:

'BLUMENAU, 23 de abril de 1890. Cidadão: Em 21 do corrente mez, desconfiando que funcionava o collegio de S. Paulo de Blumenau subvencionado pelo Estado, para lá dirigi-me com o fim de verificar o

facto e prevenir o director do mesmo collegio, da irregularidade de seu procedimento dando aula em dia feriado. Encontrei realmente funcionando as aulas do referido estabelecimento, mas o director Padre José Maria Jacobs negou-se a apparecer-me, deixando-me a esperal-o durante 3 horas, sem resultado e impedindo me assim, indelicadamente de visitar o collegio e observal-o como intencionava. Sendo este procedimento do Padre José Maria Jacobs mais um dos muitos abusos já existentes, cumpre-me levar ao vosso conhecimento, com o fim de pedir providencias, ha nesse collegio excessos de ensino religioso contra as leis do paiz, obrigando-se as crianças mal alimentadas a passar mais de 3 horas todos os dias em rezar na Igreja, o jejum rigoroso nos dias da semana santa, feriado os dias santificados do calendario catholico e desconhecendo a obrigação que tem a vista do favor que recebe do Estado, de respeitar os dias de festa nacional, como a principio vos disse. Nas suas praticas religiosas, como vigário, tem pregado o mesmo Padre Jacobs aos domingos e dias santificados, em presença dos alunos, que são obrigados a assistir as missas, contra as leis decretadas pelo governo, como o casamento civil e o culto livre, procedimento este que, alem de criminoso, tem o inconveniente de inculcar no animo das creanças ideas falsas e subversivas. Sciante da gravidade e inconveniencia de continuar o referido collegio tão mal dirigido recebendo alem disso favores do Estado, levo tudo á vossa presença pedindo que providencieis do melhor modo de regularizar o caso e determineis o meu procedimento. Saude e Fraternidade. O Delegado litterario (ass. Dr. José Bonifacio da Cunha. Ao Cidadão Dr. Luiz A. Crespo, Digmo. Director Geral da Instrução Publica do Estado de Santa Catharina".

"BLUMENAU, 25 de Abril de 1890. Cidadão: De ordem do cidadão Dr. Director Geral da Instrução Publica, communico-vos que, segundo declaração do cidadão Dr. Governador, deve ser, a bem do respeito a todas as creanças religiosas, prohibido e o fica efetivamente, o ensino de qualquer religião nas escolas mantidas pelo Governo d'este Estado. Saude e Fraternidade. Ao Cidadão Rvdmo. Pe. José Maria Jacobs D. D. Director do Collegio subvencionado S. Paulo de Blumenau. (as) Dr. José Bonifacio da Cunha, Delegado Litterario.

"DIRECTORIA GERAL da Instrução Pública do Estado Federal de Santa Catharina, em 17 de julho de 1890. O Director Geral da Instrução Publica, remette ao Sr. Redo Pe. José Maria Jacobs, Director do Collegio de São Paulo de Blumenau, subvencionado pelo Estado, a inclusa copia authentica do officio de 15 do corrente, em que o Dr. Delegado Litterario traz ao conhecimento desta Directoria o facto de terem funcionado as aulas do estabelecimnto no dia 14 do mesmo mez, que é de festa nacional o que indica por vossa parte, desrespeito ás leis actuaes. E porque semelhante procedimento, já aggravado pela reincidencia, possa determinar qualquer medida de energia, prejudicial á receita do Collegio sob sua direcção, recommendo-vos que, d'ora em diante observeis irrestrictamente o que sobre este assumpto está determinado. (as) Luiz A. Crespo".

Horizontina cinquentenária

Nas estantes do Arquivo Histórico da Fundação "Casa Dr. Blumenau", já se encontra devidamente catalogado um exemplar do magnífico livro editado pelo historiador gaúcho Ottmar Garbrecht, intitulado "Horizontina Cinquentenária".

Trata-se do jubileu de ouro de uma das mais florescentes cidades do Rio Grande do Sul, banhada que é pelas águas do Rio Uruguai e cujo limite territorial faz fronteira com a Argentina, separando-se daquele país amigo justamente pelo curso do Rio Uruguai.

Ottmar Garbrecht, que já tem colaborado com valioso material nas edições passadas de "Blumenau em Cadernos", é autor também de outro livro editado anteriormente, com 96 páginas, sob o título "Horizontina Através do Tempo".

O Município de Horizontina limita-se ainda com os municípios de Três de Maio e Crissiumal no Leste e com Tucunduva no Oeste, possuindo área de 520 kms. 2., população de 33.000 habitantes, sendo 15.000 na zona urbana e 18.000 na zona rural. Possui 84 indústrias, dentre elas a fábrica pioneira de colhedoras automotrizes no Brasil, conhecida pela sigla SLC. Registra ainda 2.855 veículos, 185 estabelecimentos comerciais, 196 telefones, três hospitais e uma emissora de rádio.

O livro de Ottmar Garbrecht foi impresso nas oficinas da Gráfica Ipiranga, de Joinville e constituirá, sem dúvida, fonte permanente de pesquisas para as gerações futuras, inclusive será a base para a edição do livro do centenário daquela progressista comunidade gaúcha para daqui a mais cinquenta anos.

Horizontina, cujo nome primitivo era Belo Horizonte e mais tarde Horizonte, fazia parte das Missões Jesuíticas. Antes da emancipação constituía o 8º Distrito de Santa Rosa. A colonização de Horizontina foi quasi toda de origem alemã, sendo que os primeiros colonos que se estabeleceram na área da atual cidade, foram, entre outros, Henrique Claudy, Reinoldo Giler, Rodolfo Irber, Otto Gerhardt e Henrique Garbrecht.

Na oportunidade deste registro, "Blumenau em Cadernos" agradece a oferta do exemplar de "Horizontina Cinquentenária" e cumprimenta o autor Ottmar Garbrecht pelo magnífico trabalho histórico que realizou em favor de sua cidade.

O "Dia da Imprensa" de Joinville

Elly Herkenhoff

Vinte de dezembro de 1862

Data especial e das mais importantes para a história da imprensa de Joinville, porque neste dia — há 115 anos, portanto, — aqui se lançou o primeiro número do primeiro jornal impresso na então Colônia Dona Francisca. Era o "Kolonie Zeitung" (jornal da Colônia), que assim iniciava a sua longa jornada através de oito décadas da história joinvillense. Era redigido em alemão, uma vez que a maioria dos... 3.600 habitantes se compunha de imigrantes alemães e até mesmo entre os brasileiros havia não poucos, que falavam razoavelmente bem o alemão.

Foi proprietário editor e redator-chefe, durante os 10 primeiros anos de existência do jornal, o advogado Ottokar Doerffel, figura das mais proeminentes da Cidade, e agente distribuidor o gráfico Johann Heinrich Auler, estabelecido com livraria e papelaria em uma casa de enxaimel, à rua do Príncipe, então denominada rua da Olaria.

Verifica-se pelo cabeçalho, que o jornal saía, a princípio, cada sábado e o preço do número avulso era 160 Rs. O preço da assinatura, 6\$000 Rs. com pagamento adiantado e o preço dos anúncios era cobrado entre 60 Rs e 180 Rs por linha.

Conforme ainda se verifica pelo cabeçalho, o jornal seria um "Anzeiger fuer Dona Francisca und Blumenau" (Órgão de Anúncios para Dona Francisca e Blumenau), servindo, portanto, aos interesses econômicos, políticos e culturais das duas cidades irmãs.

E, na primeira página deste número pioneiro do "Kolonie-Zeitung", vemos um longo editorial, cuja introdução, em letra capitular, é a simples palavra: Pátria — "Vaterland!"

Sintetizando toda a complexidade de sentimentos do imigrante recém-vindo — a nostalgia eternamente acesa, dolorida e a determinação de aqui se integrar, de fazer sua a Terra ainda estranha, ainda misteriosa, e às vezes ainda hostil — aí estão as primeiras frases do longo editorial de Ottokar Doerffel:

"Pátria! Que sublime fascinação a deste nome, e ao pronunciá-lo, como se ergue, como se amplia o nosso pleito — mas quantos sentimentos para nós dolorosos, com ele se relacionam! A verdade Pátria, com as suaves recordações de nossa juventude, com tudo aquilo que se tornou caro pela educação e pelo hábito do dia-a-dia — nós a deixamos Longe, infinitamente longe se encontra ela atrás de nós, e provavel-

mente dela estaremos separados para todo o sempre! E a nova Terra, na qual construímos o nosso lar e ao qual ligamos toda a nossa existência? Esta nova Terra ainda não se tornou Pátria para nós. Ela parece ainda não querer nos aceitar como seus filhos. . . .”

Em seguida, Ottokar Doerffel estabelece o seu plano de ação, o programa do seu jornal: trabalhar, trabalhar sempre, em benefício da nova Pátria, sem afrouxar os laços afetivos que prendem todo imigrante ao mundo que deixou “no lado de lá”. Trabalhar em benefício dos imigrantes, dando-lhes assistência, apoio, orientação — foi este o propósito que deu origem ao Jornal.

Mas, viremos a página do extenso editorial. . .

Entre o “pêlo-mêlo” delicioso dos anúncios particulares e comerciais, a primeira comunicação de nascimento, publicada num jornal da Cidade dos Príncipes: é o cidadão Rudolf Zinneck, anunciando, eufórico, o nascimento de uma robusta menina, às 6 horas da manhã do dia 12.

E há as festas dançantes, anunciadas como “Tanzmusik”, para os dias de Natal e Ano Bom: no dia 25, no salão de Jean Bauer, à Estrada da Serra. No “segundo dia de Natal”, dia 26, e dia de Ano Novo, com início às 5 horas da tarde, no salão A. Ravache. No dia primeiro de janeiro de 1863, no Th. Voss — o mesmo Th. Voss que anuncia, em outro local: vidros para vidraças, talheres e canivetes, chitas estampadas, tecidos para saias e calças de todas as qualidades calças, e paletós, panelas esmaltadas e estanhadas em todos os tamanhos, assim como um variado sortimento de brinquedos — tudo a preços reduzidos, evidentemente. . . enquanto A. Ravache oferece, em outro local, enxadas de aço inglesas, de excelente qualidade, ao preço de 1.500 Rs. cada uma. . .

E os anúncios da livraria de Johann Heinrich Auler! São livros e mais livros — livros para crianças, adolescentes e adultos de todas as idades, livros escolares, métodos de português dos mais categorizados autores, dicionários, livros de conversação e tradução, assim como os tão apreciados modelos para correspondência, tanto em alemão como em português. E os figurinos, e os modelos para trabalhos manuais, e os livros de cozinha, e as revistas — desde a tradicionalíssima “Die Gartenlaube” (O Caramanchão), até periódicos especializados em assuntos técnicos, agrônômicos, medicinais e outros. E os anuários, os almanaques — ah, os almanaques! É o “Deutscher Volkskalender” (Anuário Popular Alemão), editado em Hamburgo, com 20 ilustrações, ao preço de 800 Rs, é o “Brasilia”, editado em Petrópolis, pela editora do jornal do mesmo nome — apresentado, na íntegra, a Constituição do Brasil — igualmente ao preço de 800 Rs, é o anuário “Laermmert”, editado no Rio, a 400 Rs, é ainda, a “Folhinha Imperial Brasileira”, editada em por-

tuguês, a 160 Rs, e até mesmo uma folhinha a ser proximamente lançada em Dona Francisca, ao preço de 200 Rs, é oferecida antecipadamente — Isto sem falar na grande biblioteca de aluguel, anexa à livraria.

E, para quem estiver interessado em espingarda de caça: há uma da marca Sühler, a preço barato, na casa de Lange & Cia. . .

Mas, não falemos em coisas banais, como espingardas de caça, vendas de terras e avisos do subdelegado da Colônia — quando estamos a quatro dias da Véspera do Natal! Falemos do Papai Noel, o mesmo Papai Noel de ontem, hoje e sempre — falemos dos brinquedos na loja de F. Jordan, onde há bonecas — com ou sem olhos móveis, com ou sem articulações, e há carrinhos de vime para bonecas, cavalinhos de sela, cachorrinhos, vacas com bezerrinho, burros, cucos, bolas e carrinhos, — estes, quem sabe, para os burrinhos acima apresentados. E para as donas-de-casa joinvillenses, há passas de primeiríssima qualidade indispensáveis, está claro, para a massa do "Stollen" (panetone) natalino e há também, na mesma loja, fitas de veludo preto e marrom, há chitas estampadas, legitimamente francesas, imaginem só! E há tecidos diversos para saias e calças — calças para cavalheiros, bem entendido. . .

E falemos, enfim, de duas notícias locais, uma alegre, outra triste. A primeira faz o relato das comemorações do dia 2 de dezembro, aniversário de Sua Magestade o Imperador Dom Pedro II, como sempre, muito concorridas em Dona Francisca. Logo ao anoitecer, as ruas se encheram de gente alvoroçada, as casas foram se iluminando profusamente e às 20 horas em ponto o rufo de tambores anunciava o início da grande passeata, puxada por banda de música, que se movimentava pelas ruas principais até o largo junto à "nova igreja evangélica" onde impressionante queima de fogos se realizou, enquanto estrondosos vivas a S. M. Imperial e muitos foguetes fizeram com que até mesmo os colonos das estradas mais longíquas participassem dos festejos da importante data — festejos estes que terminaram com improvisado baile no salão Ravache.

A segunda notícia — atualíssima e particularmente triste — também se reporta a uma festa comemorativa na Colônia: durante os festejos do 4.º aniversário de fundação da sociedade "Sangerburg" (Liga de Cantores, na noite de 12 de dezembro, o pintor Thomazeck, muito eufórico, se dispunha a soltar dois balões. O primeiro subiu rápido e sem problemas, mas ao manejar o segundo, foi tão infeliz que a pólvora e o piche não apenas lhe queimaram horivelmente o rosto, atingindo os dois olhos, mas ainda quase que lhe arrancaram parte da mão direita, isto é, todo o dedo polegar, que ficou preso à mão apenas por um tendão. Mas, graças às providências imediatas do afamado médico Dr. Wigand Engelke — presente à festa na qualidade de regente do coro

da "Sangerbund" — foi possível salvar, tanto a vista do acidentado, como também a sua mão, embora tivesse de se conformar com o polegar imóvel para o resto de sua vida. O "Kolonie-Zeitung" não menciona, infelizmente, se o fato serviu ou não de advertência...

Na área da Província de Santa Catarina, ressalta a notícia do ataque de bugres — "índios da tribo dos botocudos" — ocorrido na Colônia Brusque. Quatro foram os indígenas que assaltaram e saquearam uma casa de colono, ferindo a flechadas a mulher, que se achava sozinha. Mas, ao tentarem um segundo assalto, a outra propriedade, foram recebidos à bala pelo colono, então já prevenido pelo filhinho que, sentado à porta da casa, notara a aproximação dos "quatro enormes bichos rastejantes". A título de curiosidade, o "Kolonie-Zeitung" acrescenta que no ano anterior, em vários ataques de bugres, todas as espigas de milho nas plantações, foram tão astuciosamente extraídos do meio da folhagem, que os colonos somente deram pelo prejuízo, quando, dias depois, se dispunham a fazer a colheita do milho...

Vinte de dezembro de 1977. Há motivos para a evocação que, juntos, estamos realizando hoje, quando faz exatamente 115 anos que se lançou o primeiro número do primeiro jornal impresso em Joinville. Há motivos para uma evocação muito especial do grande Ottokar Dörrtel e motivos de sobra para uma homenagem nossa aos pioneiros idealistas da imprensa Joinvillense!

Figuras do Passado

(José Gonçalves)

VICTOR HERING - Exemplo de uma vida

Era um homem afável, bondoso e comunicativo. Dotado de características excepcionais das que dão destaque ao homem pelas virtudes que emolduram a personalidade, Victor Hering possuía alma de artista, um acendrado amor às coisas belas, era amante da natureza, a cujos estudos e pesquisas dedicou boa parcela de sua vida. Formado em engenharia civil, com cursos especiais de engenharia textil, estudou com apaixonante dedicação filosofia pura e matemática, além de química. Essas virtudes que ornamentaram a figura de Victor Hering, deram-lhe condições para viver uma vida cheia de emoções, de alegria e de sucessos com a constatação freqüente da realidade positiva de tudo o que semeou nos diversos campos de ação que desenvolveu.

Com o falecimento de Victor Hering, a 7 de fevereiro de 1961,

Blumenau perdeu uma das mais sólidas culturas e, em especial, a de maior cabedal de conhecimentos técnicos sobre sistema de reflorestamento, remanejamento, árvores nativas e importadas, aclimatação destas, etc. . . Atrás de sua simplicidade e modéstia, Victor Hering possuía um grande poder de persuasão, pela facilidade de comunicação, muito afeito ao diálogo popular, através do qual tanto ensinava e convencia como procurava colher ensinamentos e experiências de terceiros para as suas próprias pesquisas. Por ser muito sincero e franco nas suas manifestações, nunca chegou a ser um político. Apesar disso, foi envolvido por movimento político, tendo sido candidato à Prefeitura de Blumenau mas não foi eleito. Conhecedor profundo dos problemas agro-pecuários do município, com planos extraordinários para a dinamização do seu desenvolvimento, ele teria realizado uma obra notável de administração, se fosse eleito. Hoje, perguntamos: Foi Victor Hering que perdeu a eleição para Prefeito, ou teria Blumenau perdido a oportunidade de eleger o homem certo para o cargo certo?

Ao retornar da Europa, princípios de 1931, onde concluiu com brilho invulgar o curso de engenharia civil e cursos complementares diversos, entre eles o de engenharia textil, Victor Hering ingressou na Cia. Hering, assumindo o cargo de Diretor Técnico, em cujas funções teve atuação de destaque, especialmente no aprimoramento de sistemas modernos na área de alvejamento e no acabamento final da matéria prima para a produção. Atuou também nos planos elaborados para a ampliação da empresa em todos os trabalhos desenvolvidos em construções diversas. Com os conhecimentos técnicos textéis que possuía pelos cursos realizados na Europa — Dresden, Stuttgart e Darmstadt, conseguiu fazer com que a empresa atravessasse o período da guerra sem sentir tão de perto o problema de reposição de peças vitais nas máquinas mais sofisticadas já existentes na época, importadas da Europa e que, em face da hecatombe, tornava-se impossível importar maquinário ou peças indispensáveis ao seu funcionamento. Com a sua capacidade criadora, conseguiu estabelecer sistema de recuperação de peças e o seu perfeito aproveitamento nas máquinas o que permitiu o funcionamento das mesmas sem solução de continuidade. Com esse trabalho, desenvolveu substancialmente outros processos, alcançando a modernização dos equipamentos de produção. Ainda dentro da atividade industrial, ele aperfeiçoou bastante o laboratório experimental da empresa, pois para isso possuía profundos conhecimentos de química, o que permitiu-lhe o controle constante não só do sistema de alta produtividade da empresa como também da superior qualidade. Foi ele também quem conseguiu dar o padrão moderno ao sistema de tratamento d'água para o tingimento e alvejamento. Outra idéia que desenvolveu e tornou realidade, foi a de pavimentar, com asfalto, a rua Hermann Hering de todo o bairro Bom Retiro onde se encontram as instalações da empresa. Foi esse também um trabalho pioneiro, já que, segundo se tem informa-

ções através dos anais que registram o início de estradas pavimentadas em Santa Catarina, nada existia até então. O fato causou muita curiosidade na época, sendo a rua bastante visitada durante muitos anos, por aqueles que transitavam por Blumenau e até pela própria população. Uma das curiosidades observadas com muita frequência desde a pavimentação ocorrida na década 1930/1940, era a de que, todos os mecânicos chefes das oficinas de automóveis de Blumenau, ao realizarem serviços na direção e no sistema de estabilidade dos veículos da época, levavam o carro até aquela rua para melhor sentir o efeito do conserto e regulagem efetuados.

Outro aspecto da marcante personalidade desse homem que deixou sua marca indelével na história de Blumenau, foi o de sua paixão pela natureza e de tudo que a cercava. Victor Hering dedicou-se com invulgar entusiasmo ao aprimoramento da composição de sistemas de reflorestamento o qual, na época constituiu-se no pioneirismo em todo o país. Ele não só aperfeiçoou através de estudos, pesquisas e experiências as qualidades de espécies nativas, como especialmente deu ênfase a um trabalho estafante de pesquisas e experiências com árvores da espécie cunífera, trazidas da Ásia, das Antilhas, da Indochina, criando, como cuidado especial de quem entende do assunto, áreas de reflorestamento com a espécie *Cunninghamia lanceolata*, da Indochina, assim como conseguiu êxito total com o *pinus hondurensis*. Esse *pinus* havia sido plantado pelo engenheiro Henrich Kronberger, por ocasião da construção da Igreja Evangélica de Blumenau, tendo a árvore crescido e desenvolvido admiravelmente. Victor Hering recolheu as sementes dessa árvore e, após trabalho metódico e paciente, conseguiu milhares de mudas, com os mais amplos resultados no reflorestamento da área pertencente à empresa, disseminando-o ainda a outros Estados da União. Na área pertencente à Cia. Hering, encontram-se às centenas essas árvores reproduzidas da antiga cunífera existente ao lado da Igreja Evangélica. Essa árvore, após noventa anos de existência foi atingida por um raio, perecendo. Mas deixou, nas sementes aproveitadas com carinho e dedicação por Victor Hering, uma vasta área reflorestada. Ele também desenvolveu a produção de mudas de diversas espécies de eucaliptos, assim como fez muitas tentativas para aclimatar a espécie japonesa denominada *Cliptomeria ponica*, também cunífera, mas a expansão desse trabalho não foi idêntico à das cuníferas procedentes das Antilhas e de outras regiões da Ásia. Victor Hering também foi pioneiro no sistema de remanejamento florestal. O seu trabalho foi, pelo pioneirismo de que se revestiu e também pela perfeição com que conseguiu aclimatar as árvores ao nosso solo, considerado de relevante valor para a produção de pasta mecânica destinada ao fabrico de papel, hoje grandemente difundida em diversos Estados, que ele foi agraciado com a comenda e o título de Comendador da Gran Ordem da Árvore, por parte do Ministério da Agricultura, no ano de 1950. Seu trabalho de pesquisa e aperfeiçoamento de sistemas de refloresta-

mento e remanejamento florestal, foi aproveitado em todo o país sob a orientação do Ministério da Agricultura.

Reunindo no acervo de conhecimentos obtidos com os estudos aprofundados que realizou durante os anos que viveu pesquisando, Victor Hering também tornou-se um técnico em conhecimentos no setor agro-pecuário. Por haver estudado muito e ser mesmo um apaixonado pelos estudos de filosofia pura e matemática, ele não teve dificuldades em assimilar conhecimentos outros sobre tudo o que o entusiasmava. Tanto assim que, ao ser adquirida a Fazenda de Ilhota, propriedade da Cia. Hering, através de pesquisas que naquele campo realizou, ele foi pioneiro no sistema de rotação de pastagem, tendo, pelas experiências realizadas, conseguido introduzir inúmeras gramíneas e leguminosas trazidas de diversas regiões do país e até do exterior. Trouxe para a região a raça de gado Jersey e, ao par de um trabalho cuidadoso de experiências, conseguiu disseminar grandemente pela região do Vale, os benefícios desse trabalho.

Uma particularidade muito importante que fazia com que Victor Hering conseguisse expandir, em benefício de terceiros, e os resultados de suas experiências nos diversos campos de atividade, era a facilidade com que se comunicava. Com simplicidade e modéstia, introduzia-se no meio das pessoas mais modestas e fazia-se compreender perfeitamente, e, ao mesmo tempo em que conquistava amigos, transmitia tudo o que fosse possível para o benefício geral. Essa característica de comunicação, aliás, fazia-se sentir com evidência na própria empresa, pois lá ele era um dos diretores que mais contatos mantinha com os operários, com os quais, com frequência dialogava e dessa troca de idéias conseguia não só transmitir as instruções que achava oportuno como também colhia, da experiência deles ensinamentos valiosos para o aperfeiçoamento de sistemas de produção e também sobre o melhor método de adaptação do próprio operário ao trabalho e para a sua melhor e mais racional produção sem excessos e sacrifícios pessoais. Daí o clima de paz e de harmonia, de bem estar social que sempre se constituíram numa das mais belas tradições da empresa, manifestação essa que teve reflexos admiráveis quando da realização dos festejos dos 75 anos de fundação da Cia. Hering. Essa tradição, aliás, perdura até os dias de hoje.

Conhecemos Victor Hering sob outro aspecto muito belo: o homem com alma e sentimentos de artista. Tivemos o prazer de vê-lo ao piano executando as mais belas páginas musicais do clássico-romântico, oportunidades em que sua figura transformava-se na do homem apaixonado pela arte musical, evidenciando uma sensibilidade que marcava mais uma qualidade entre as muitas que ornamentavam sua personalidade.

Esses momentos de agradáveis serões recreativos, aconteceram

algumas vezes na aprazível séde do Clube Náutico América, associação que ele muito prestigiou. Nessas ocasiões em que o diálogo era variado e descompromissado de formalidades, Victor Hering revelava todo o entusiasmo de que era possuído sob todos os aspectos do lado belo da vida, envolvendo aos que o cercavam para ouvi-lo, numa série de comentários e informações em torno das experiências e pesquisas que realizava em atividades ligadas ao reflorestamento, ao setor agro-pecuário e outras experiências mais, monopolizando a atenção geral. Era também um conselheiro de alto nível técnico para os rapazes que integravam as famosas guarnições americanas, reflexos do que, não restam dúvidas, contribuíram para os sucessos extraordinários do remo blumenauense não só no Brasil mas na América do Sul. Foi por ocasião desses encontros que conhecemos bem de perto a personalidade desse homem, as virtudes de que era dotado a invejável inteligência, a versatilidade de conhecimentos técnicos sob diversos aspectos e a magnanimidade de seu coração aberto ao diálogo franco, espontâneo e de fácil assimilação por parte dos que o escutavam.

Os dotes artísticos de que era possuidor, Victor Hering deixou bem impregnados em uma de suas filhas: Ehlke, casada com o poeta Lindolf Bel, a qual herdou todas aquelas qualidades que emolduraram com tanta perfeição o espírito e a personalidade do pai. Hoje, artista consagrada em todo o país, ela representa na hereditariedade paterna, aquele maravilhoso toque de formosura que resplandescia nos gestos, nas atitudes e no comportamento geral de seu pai, evidenciando a tendência para a música, a arte e a criatividade.

A outra virtude que deu destaque à personalidade de Victor Hering foi a do seu apêgo pela natureza, como já citamos. Esses sentimentos que tanto o envolveram, na busca de um perfeito sistema de conservação das áreas verdes e constantes pesquisas para a melhoria do sistema, ele deixou registrado na personalidade de seu filho Klaus. Embora formado em Ciências Econômicas, Klaus foi sempre o discípulo atento e entusiasta de seu pai, acompanhando-o nas suas experiências e pesquisas, do que resultou empolgar-se e apaixonar-se pelos estudos desse importante assunto. Tanto assim que, após o falecimento do pai, Klaus continuou a desenvolver os estudos e entre os anos de 1972 e .. 1973, publicou um livro versando sobre projeto explorativo florestal, com o título "A Mata Nativa".

Ao sr. Klaus Hering, que hoje é um dos diretores das Indústrias Renaux de Brusque, devemos o fato de nos haveremos capacitado a desenvolver esse trabalho em torno da vida e da atividade de seu pai, especialmente no que concerne às informações de cunho técnico.

Maike, a filha mais jovem, também foi herdeira das virtudes que caracterizaram a personalidade do pai: estudiosa, não teve dificulda-

des em seguir a carreira que a empolgou desde bem jovem: formou-se em Biologia e hoje é lente catedrática na Universidade Federal de Santa Catarina.

A contribuição de Victor Hering, na vida comunitária blumenauense, foi das mais extensas e altamente valiosas. Além de integrar o quadro associativo de diversas sociedades recreativas e culturais do município, fez parte do Rotary Clube de Blumenau, tendo integrado, inclusive, a grande comissão organizadora dos festejos do centenário de Blumenau, na qualidade de Presidente da Subcomissão de Exposições, a qual encarregou-se das exposições: industrial, agro-pecuária, museu, artes, filatélica e numismática.

Por tudo isso e muito mais que, por certo, num espaço tão reduzido não seria mesmo possível sintetizar, é que escolhemos o nome de Victor Hering para figurar nesta edição de "Blumenau em Cadernos" como uma das notáveis figuras que, no passado de Blumenau" tanto fizeram pela comunidade e pelo povo. A ele essa homenagem que ha de ficar registrada nos anais históricos através dessa publicação mensal que visa tão somente divulgar os fatos que ligaram, ligam e hão de ligar, durante os anos afora, atuação dos homens em favor de Blumenau e no enriquecimento de sua História.

DADOS BIOGRÁFICOS

Em nossos arquivos históricos, encontramos os seguintes dados biográficos de Victor Hering: VICTOR (Max Victor Hering) — Filho de Max Hering e de sua esposa Klara, nata Kleine. Curso primário em Blumenau, depois do qual estudou particularmente durante dois anos. De 1917 a 1919, freqüentou a Escola Olinda, de São Paulo. De 1921 a 1925, esteve na Alemanha onde freqüentou cursos secundários além de aperfeiçoamento textil. De 1925 a 1930, fez curso superior de engenharia em Dresden, Stuttgart e Darmstadt. Em 1931 entrou para a Companhia Hering, introduzindo vários aperfeiçoamentos técnicos. Mostrou grande interesse pelo reflorestamento dos terrenos da Companhia. Durante doze anos foi delegado florestal em Santa Catarina. Fez parte da Direção da Companhia Hering. Foi candidato ao cargo de Prefeito em 1945. Casou-se em 1934 com dona Eulália Müller, filha de Eloy Müller, e de sua mulher Joanna, nata Baier, nascida em Blumenau, em 1909. Faleceu em Blumenau, após submeter-se a uma intervenção cirúrgica em São Paulo, em 1961. Seu falecimento ocorreu dia 7 de fevereiro daquele ano. Acha-se sepultado no Cemitério Evangélico de Blumenau. Victor Hering foi um dos fundadores da Fábrica de Gaze Medicinais Cremer S/A. — Do consorcio com dona Eulália nasceram três filhos: Klaus, nascido a 26 de Novembro de 1935, Ehlke, nascida aos 10 de agosto de 1940 e Maike, nascida ao 30 de dezembro de 1944, todos em Blumenau. Victor Hering foi presidente da Subcomissão de Exposições por ocasião dos festejos do Centenario de Blumenau em 1950.

A opinião dos que nos visitam

— Excelente Museu, otimamente organizado. Todas as cidades brasileiras deveriam possuir museus idênticos a este para exaltar a nossa nacionalidade. Léia Pinto Rezende — Rio.

— * ● *—

— Museu de aspecto muito interessante e de aspecto museográfico bom . — A. C. Carvalho — Rio.

— * ● *—

— Ficamos maravilhadas com o que vimos no Museu da Família Colonial. É uma volta ao passado que a maioria das pessoas ignora. — Grata pelas recordações — Anita M. Belem — SP. — 28.2.78.

— * ● *—

— Vidas que se foram. Feitos que ficaram. — Alice Brota — SP. 28.2.78.

— * ● *—

— Como brasileiro, fiquei entusiasmado pelo que vi neste museu. É obra maravilhosa que ficará na lembrança por todos os séculos. — Rosalhino Gagliardi — Campinas-SP — 28.2.78.

— * ● *—

— Belissimo museu. Parabens aos seus organizadores, bem assim aos seus conservadores. — Campinas, 28.2.78 — A. Piretti.

— * ● *—

— Que este museu seja um exemplo a todos que possam ser criados em cidades de origem alemã, como Petrópolis, por exemplo, ou de outras origens. O culto às origens é uma coisa tão bela! Gostei! — Zoni — Rio.

— * ● *—

— Chegando a Blumenau encontramos as coisas mais belas que nas outras cidades que visitamos. Gostaria que outras cidades tivessem o mesmo aspecto como Blumenau — Gostei! — Ademar — Rio.

— * ● *—

— Pelo que tive a oportunidade de ver, fiquei alegre em saber que os catarinenses conservam as tradições seculares. — Alcindo Brito — Rio.

— * ● *—

— O cuidado e carinho com este museu é a prova de reconheci-

mento pelo muito da contribuição de seus ancestrais. — E. N. A. Fialho — Maringá — Pr.

— * ● *—

— Realmente é uma coisa maravilhosa, o Museu da Família Colonial de Blumenau. Adoro muito os objetos antigos e me sensibilizo muito com este tipo de arte. — Isabel Cristina Marques do Carmo. — Rio.

— * ● *—

— Arrepiante, estonteante, sensacional, esplêndido, emocionante! — Maria de Fátima T. Araujo — Rio.

— * ● *—

— É muito bom quando pessoas de brio constroem tanto e outras procuram conservá-las e valoriza-las. Parabens. — Mabel Souza Souto — Itabuna — Bahia.

O Instituto Cultural Brasil-Alemanha tem nova diretoria

Ha dez anos foi fundado em Blumenau o Instituto Cultural Brasil-Alemanha. Finalidade: proporcionar à sociedade blumenauense de modo geral, oportunidades para o enriquecimento da cultura geral e a pluralidade linguística. Um acervo de bons serviços foi prestado nesse periodo e, a cada ano que passa, aumenta o interesse da população e a participação inclusive da juventude nos diversos estudos.

Hoje, com muita satisfação, registramos a eleição da nova Diretoria Executiva do Instituto, a qual atuará pelo prazo de dois anos. Acha-se constituída: Presidente — Federico Carlos Allende. 1º. Vice-Presidente, Heinrich Bentler (Frei Ervino). 2º. Vice-Presidente, Normando Braz Falce. 1º. Secretário, Frederico Kilian. 2º. Secretário, Srta. Elfriede Puhlmann. 1º. Tesoureiro, Valter Nave Tavares. 2º. Tesoureiro, Hans Gehard Strobel. Relações Públicas, Norton Azambuja. Diretor Cultural e Social, Siegfried Metzdorf. No desempenho dessas funções, a nova Diretoria se propõe incentivar cada vez mais os benefícios em favor da Comunidade blumenauense, nos serviços culturais e intelectuais previstos em seus estatutos, tais como: cursos de lingua alemã, conferências, projeções de filmes científicos e culturais, concessão de bolsas de estudos na Alemanha para cursos de aperfeiçoamento ou de pós graduação, etc., esperando para tal, poder contar com o apoio moral e material dos blumenauenses, que são os únicos beneficiados com as atividades deste Instituto.

Aos nobres titulares que constituem a nova Diretoria do ICBA, agradecendo a comunicação, formulamos sinceros votos para que todos os propositos de administração no esforço de cada vez mais dar continuidade à grande obra, se concretizem totalmente.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten* - presidente
Jornalista Honorato Tomelim vice-presidente

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão* - *Prof. Antônio Boing Neto* -
Comerciante Arno Letzow - *Advogado Beno Frederico Weiers* -
Repres. Comercial Heinz Hartmann - *Prof. Nelo Osti* - *Prof.*
Olívio Pedron - *Repres. Comercial Otto Iaczynski* e *Indus-*
trial Rolf Ehlke

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.

Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.